Combate todos os males sociaes

Propaga as grandes idéas modernas

A OBRA

Pean da Energia

Minha alma que se fez atravez dos incendios,
Que tem *dynos* e *ergs* dentro em seu calor astral,
Senti um horror profundo ao ver os vilipendios
Desta era de Abastardamento Universal.

Meu ser onde lateja intensa força viva,
Onde a energia potencial quer estourar,
Despreza a gente vil, covarde, que se esquiva
A cantar, a soffrer, a bramir, a lutar!

Octavio Brandão

Anno I — S. Paulo (Brasil), 1 de Setembro de 1920 — Num. 12

A Justiça como principio na Sociedade Futura

Toda agremiação humana para se manter precisa de um principio que possa reunir os seus elementos que de outro modo se se desaggregariam e este será tanto mais elevado quanto mais adeantado for o grupo de que se trate.

Em torno deste principio, ou principios, gyra todo o mechanismo social, a sua acção é de uma importancia capital e a sua desmoralisação pode dar em resultado o desmoronamento da sociedade.

A civilisação hellenica e outras tamtem notaveis na antiguidade não foram baseadas na piedade, principio que pode ser combatido, como foi em nossos dias pelo genio creador e luminoso de Nietzsche.

A fraternidade, um dos principios sustentados da Revolução Franceza, tambem está no mesmo caso e a igualdade não é mais admittida senão por aquelles que não possuem cultura philosophica e scientifica.

A solidariedade é uma palavra de significação ambigua e serve de norma tanto a um bando de salteadores, como a uma associação beneficiente: — bandidos solidarios paro o roubo e o assassinio e crentes solidarios na pratica do bem.

Como se vê, a solidariedade só por si não pode servir de base a uma sociedade, quando falta o principio em que se deve applical-a.

Demais, deve-se procurar um principio que não seja facilmente combatido, não, esteja contrario á sciencia e não vá muito de encontro aos sentimentos da alma humana.

A justiça se nos afigura, no momento actual da civilização, como o unico principio capaz de preecher todas as condições que ha pouco citamos.

E é nesta ordem de idêas que vamos estudar detalhadamente a questão.

Scientificamente o idéal da justiça não é incompativel com o progresso das agremiações humanas e, muito pelo contrario, a Sociologia vem provar que o mais elevado ideal da humanidade deve ser o de conseguir uma sociedade inteiramente baseada naquelle principio.

Apezar de todas as reformas sociaes ultimamente observadas favorecerem a fraude o fim que almejaram os revolucionarios foi muito mais digno, quando é certo que foi em beneficio da humanidade que elles se sacrificaram como verdadeiros heroes.

Teremos sempre a maior fé em uma sociedade que se firmar em um principio claro e que esteja de inteiro accordo com a sciencia e com os sentimentos que vibram na alma humana.

Ninguem poderá aconselhar, como medida moralisadora (a não ser que esteja completamente louco) a pratica da injustiça.

Apenas uma difficuldade surge, tal a de se reconhecer de que lado está a verdade.

O que é necessario e não se procurar illudir a boa fé do povo com leis inuteis que nunca se cumprem, como hoje acontece frequentemente.

A moral nas escolas deve orientar-se neste principio, afim de que a creança reconheça o seu valor, a sua utilidade social e acostume-se a amar a justiça e a verdade e ver na sua pratica a mais sublime virtnde ho homem civilisado.

Devemos ir mais longe e incutir no espirito do alumno o desprezo por todos aquelles que desvirtuarem este principio, acostumando-os a ver no individuo que pratica a injustiça conscientemente um verdadeiro scelerado.

Sim, porque um lente que reprova um estudante injustamente para executar uma vingança pessoal e que lhe traz por isto prejuizo de dinheiro, de tempo e de saude, é tão criminoso como se lhe tivesse roubado uma quantia qualquer.

E este crime é tanto mais prejudicial, quando é bem certo que os seus autores estão convictos de sua invulnerabilidade.

E não ha negar isto.

Existe uma justiça biologica, uma fatalidade organica, tão inexoravel como a dos antigos deuses, tão imparcial como a força inconsciente e cega do destino, dirigindo os homens e guiando-os em suas lutas incessantes, ora elevando-os e fazendo-os florescer na mais alta concepção da vida, cheios de força, de intelligencia e de belleza, ora atirando-os á mais baixa degradação social, tornando-os incapazes, degenerados, idiotas e retardados mentaes, triste fermentação humana que vae terminar, lentamente consumida, nos leitos dos hospitaes nas salas dos hospicios, ou nas cellulas escuras e humidas das prisões.

Ella, a justiça biologica, não conhece a piedade e o perdão, mas em compensação é imparcial, é exacta e é verdadeira.

Tambem não existe um unico systema philosophico que possa ser levado a serio e aconselhe a injustiça.

Quanto ao resultado, como se poderá bem imaginar, é surprehendente e magnifico, pois concorreria poderosamente para o aperfeiçoamento moral da humanidade.

E foi sempre assim que imaginamos a sociedade do futuro, organisada de accordo com a sciencia e com os sentimentos mais dignos e nobres do homem e que terá como norma o principio altamente moralisador da justiça:

E. M.

ANNO I — S. Paulo (Brasil), 1 de Setembro de 1920 — Num. 12

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

A OBRA

Apparece nos dias 1 e 15 de cada mez

Redacção: Florentino de Carvalho
Administração: Cecilio Martins

Caixa postal, 195
Numero avulso 200 reis

Assignaturas:
Anno 10$ - Semestre 5$ - Trimestre 3$

Combatendo as injustiças da Sociedade burgueza, o povo marcha para a Anarquia

PANTOMINEIROS

Em 1908, ainda vivo d. Carlos e mais seu filho, em pleno vigor a negregada lei de 13 de fevereiro, chefiando o governo o paranoico João Franco, e capitaneando as massas populares a "republicanagem chaguenta", tive eu occasião de terçar armas, em defesa dos democratas portuguezes, com os mais denodados e tréfegos defensores do regimen monárquico. Um jornal com o qual mantive a mais longa polemica, — que afinal degenerou no que degeneram todas as polemicas: em feroz descomponenda pessoal — foi "A Bandeira Portugueza", conhecida na redacção do "Mundo" e da «Luta» por «Estrumeira Portugueza».

Eram, aquelles, tempos de árdega luta e de paixões desbordantes. Ninguem, nem mesmo desta parte do Atlantico, poude fugir á voragem: ou com a monarquia ou contra ela!

Um dos cavalheiros monárquicos com quem tive occasião de polemicar chamava-se Pinto Ribeiro, doutor em medicina creio eu, e que residia em Rio Claro ou S. Carlos. Homem dado a estudos de latim, erudito e austero, recheava os seus artigos de frases e locuções ciceroneanas, emquanto eu recheava os meus de frases indignadas e causticas.

Vou citar um trecho de um dos artigos do dr. Pinto Ribeiro, que encontrei casualmente ao mexer em velhos papeis, e que sahiu publicado na "Bandeira" de 2 de fevereiro de 1908:

«Maguadamente vê o colega chamarmos arruaças ás manifestações "onde se vêm emergir" grandes vultos republicanos. E cita-lhes os nomes. Mas no seu afan de mostrar avultado numero enfileira Guerra Junqueiro, Botto Machado, Theophilo Braga e Antonio José de Almeida (a alma mais pura do ideal democratico) conjunctamente com João Chagas, com França Borges, com Magalhães Lima e outros patriotas de fancaria, que mudam de pensar conforme as conveniencias, que na luta pela democracia sò têm por mira a satisfação duma ambição desmedida».

Todos sabem como findou a monarquia, em Portugal, para que seja preciso tonio José de Almeida, a alma mais pura do ideal democratico.

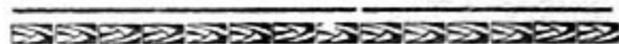
Este sentimental e palavroso pantomineiro politico, todo cheio de romanticas e alambicadas frases na oposição e que acabou presidente da Republica por uma "union sacrée" de todos os patriotas que actualmente felicitam aquele ditoso continente, e que estava na ocasião do artigo ameaçado de ir para Timor com os "demais fadistas arruaceiros da republicanagem chaguenta", isto é — «os Magalhães Lima, Franças Borges, Calcinhas e Joões Chagas»... este sentimental e palavroso pantomineiro foi que, em dezembro de 1919, mandou para a Africa os onze companheiros que comigo seguiram no Benevente, e a mim e demais presos mandou vigiar como não se vigiam scelerados.

Em 1908 e 1909 era um dos que mais timpanudamente trombeteavam na Camara e em comicios fulminando ameaças ao governo para clamar contra a falta de liberdade, contra a tyrannia, a opressão, o despotismo, a dictadura...... Esteve exposto a ser enviado para a Africa, e para lá iria fazer comicios aos cuamatas e matebeles, si dois benemeritos regicidas não dessem sua vida pela liberdade...

E é este espaventoso charlatão, que é presidente da Republica devido a um duplo regicidio e á obstinada loucura de um Machado Santos; é este demagôgo e conspirador de salão, a alma mais pura do ideal democratico... que manda para a Africa e mantem presos, ha mais de seis mezes, homens sem culpa formada, sem crime, sem que nenhum delicto tivessem praticado!...

Si é esta a alma mais pura do ideal democratico, alma que encalacrou o paiz, esfomeou o povo, saqueou o erario publico, desvalorizou a moéda, persegue os adversarios politicos, governa em completa ditadura e já tem como primeiro ministro um energumeno maior que o famigerado João Franco...: si é esta a alma mais pura do ideal democratico.., venha João Franco, venha João Branso descrever o que se passou de 1908 para cá.

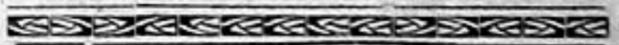
O que eu quero resaltar é aquele Andão, venha o José dos Telhados, venha o Calcinhas, venha o Diabo até, pois por muito ruins que sejam nunca serão tão desatinados e tão execraveis como esse caligulesco parlapatão.

Everardo Dias

A III Internacional

No recente Congresso do Partido Socialista Espanhol, a proposta de adhesão à III Internacional obteve 12.484 votos contra 14.010, dados á II. A parte jovem do partido não ficou satisfeita com o resultado da votação; mas a parte velha, certamente, esfregou as mãos de contentamento.

A II Internacional, como se sabe, não fez nada para impedir o horrivel morticinio dos povos; as secções de cada paiz declararam-se patrioteiras e nacionalistas, e fizeram côro com a burguezia, prestando-lhe o seu concurso e, até, o seu dinheiro. Internacionaes desta natureza não vale a pena existirem. Os operarios se agrupam è com o fim de se emanciparem da tutela capitalista. Ora a III Internacional esqueceu-se propositadamente dos seus deveres, para se transformar numa especie de estado-maior do proletariado, dando ordens terminantes aos "soldados" que estavam sob o seu commando. Trahindo os principios internacionalistas e socialistas que dizia defender, ella mostrou que não era senão um vasto quartel general, dependente dos ministerios da guerra dos varios paizes em lucta. Fazel-a reviver é dar prova duma grande incoherencia, quiçà, duma requintada malvadez, de que são capazes, apenas, os individuos acommodados, que têm as suas responsabilidades ligadas ás responsabilidades da burguezia.

Contra este procedimento das velhas raposas, manhosas e casmurras, começa a esboçar-se uma campanha em certa imprensa socialista espanhola. Vamos a vêr quem triumpha: se a parte joven do partido, se a parte carunchosa.

Esperemos.

Operarios! Lêdes "A Obra"

ANTHOLOGIA LIBERTARIA

Um problema de Theologia

Certa vez, não sei onde,
Nem quando sei tambem dizer,
Levando a extrema unção para um visconde,
Que ia, mau grado seu, morrer,
Sahiu um bispo e a sua comitiva,
Conegos, padres, sacristães, emfim
A gente que anda só na espectativa
Ou duma procissão ou dum festim.

Quando o imponente prestito seguia,
Com as regras todas da etiqueta,
Entoando uma medonha litania,
Surge, talvez mandado do capêta,
Um formidavel, tragico elephante
Que, das mãos do prelado,
Arrebatou, com a tromba extravagante,
O sacrario, onde Deus era levado!

E o feroz animal,
Ante o espanto geral,
A tromba formidavel esticando,
Poz dos fieis á vista
A gloriosa conquista,
Como se os estivesse abençoando,
Como se fosse um padre correctissimo
Dando aos crentes a bençam do Santissimo...
Em seguida o sacrario devorou,
Ou, melhor, commungou...

Não se póde dizer com exactidão
O pavor, a mixordia, a confusão
Dessa hora fatal.
Houve abortos, desmaios, faniquitos,
Imprecações e gritos.
"Isso é o Juizo Final!„
Chegou mesmo a dizer,
Tremendo e a se benzer,
Uma beata boçal.

Logo que foi o panico applacado,
Reuniu-se em conselho a padraria,
Para tratar do caso complicado
Que a sagrada, a immortal Theologia
Não deixára explicado.

Não podia o Deus-vivo
No ventre do animal ficar captivo
Como se fosse torta ou sarrabulho.
E depois o fidalgo moribundo
Não podia sair aqui do mundo
Só, sem Deus no bandulho...

Como fazer porém operação
De tanta gravidade?
O pachyderme era de propriedade
Dum judeu, dum pagão,
Que, com toda a certeza,
Exigiria uma indemnização,
Se nessa extranha empreza
Morresse o seu "Pimpão„.

Logo uma idéa, uma estupenda idéa,
Acudiu á cabeca dum sacrista:
Fazer com que o elephante
— Oh coisa nunca vista! —
Por meio dum purgante,
Expelisse o sacrario mais a obreia...

—Sacrilegio maior este seria,
Diz um padre pançudo e veneravel,
Deus assim, dessa forma, ficaria
Sujo e com um cheiro insupportavel...

Outro alvitrou, rapidamente,
Que se fizesse o elephas atrevido
Vomitar pela bocca, pela frente,
Aliás sem vomitorio,
O que havia comido.
E era facil comtudo,
Facil e suasorio:
Era soprar "atrás„ por um canudo:

Outros alvitres foram suggeridos,
A' magna assembléa,
Pelos padres e bispos mais sabidos,
Pelos sacristas de mais clara idéa...

Até hoje, porém, por mais que o tente,
Consultando vetustos alfarrabios,
Não consegui saber, infelizmente,
A fórma como os veneraveis sabios
Resolveram o caso transcendente.
Porquanto a douta Theologia,
Inspirada por Deus, que tudo vê,
Oh grande maganão!
Esse problema não prevê,
Nem para elle apresenta solução!

Raymundo Reis

Dentro da alma de um Propheta

Védarayana, o propheta da Era Nova, escreveu-me ha dias a carta seguinte:

Meu amigo.

Sinto-me triste, muito triste... Sei o que me espera no futuro. Minha sem ventura é mesmo maior do que eu a imaginara. Não quereria reviver um só momento, fosse mesmo suave, entre tantos annos. Seria horrivel se eu tivesse de viver novamente minha vida, que muita gente acha doce, apenas com um leve travo. Preferiria o inferno christão ao Retorno Eterno de Nietzsche, Blanqui, Le Bon ou Sören Kierkegaard.

Que horas longas, immensas, de prostração nervosa! Que crises interiores tenho superado! Que luta feroz para não acabar de vez com a vida! Que instantes entre a vontade de anniquilamento, a mania de suicidio, e o desanimo, a desesperança! Que combates para não cortar bruscamente uma vida que, tenho medo, póde acabar na loucura!

E tudo isto calado, silencioso, solitario...

Tudo perdido: avós, pae, mãe, irmão, paz, alegria, terra natal, meio de vida, amigos, bem estar...

Que sei eu?

Tudo deserto: nem carinho de esposa, nem esperança de futuro melhor... Nada. Nada. Só desanimos, odios, indifferença... e esta dor! Dor que me abate horas sem fim...

Que naufragio! Que agonia! Que odysséa!

Tudo em ruinas...

Vezes, o estomago, o intestino, o coração, doentes; medo de endoidecer; caminhando entre abysmos; perdido numa Babylonia de odios; vendo alguns dos meus irmãos de idéas, pobres sonhadores como eu, presos, deportados, chibatados, e um, consta que morto á surra; minha terra natal entregue a uma quadrilha que a explora; minha nacionalidade nas mãos de um bando de salteadores; meu povo numa miseria que me acabrunha; e os outros povos do mundo, infelizes, espoliados; dor, feita de mil dores...

E' horrivel!

E no emtanto, não procuro consolações; não amaldiçôo a Vida; não me queixo, salvo ás vezes um leve gemido, que logo abafo. E no entretanto continuo a viver, quasi reconciliado com a Dor.

Por que? Por que?

— Não foi essa a vida de todos os creadores e transmutadores?!

Sim, eu soffro; mas Cristo foi mais infeliz do que eu. Sim, sou desgraçado; mas Spinoza soffreu mais, e Nietzsche muito mais do que Cristo e Spinoza. Ora, se Cristo, Spinoza e Nietzsche soffreram mais, e se foram maiores do que eu, que motivo tenho para me queixar ou pedir consolações? Oh não!

Depois, que é á minha pequenina dor deante da infinita Dor Universal?

Não tenho a calma interior de um Goethe. Sei que o christianismo dá a paz; mas as condições não me servem. Demais, tudo isto para mim ha muito que morreu.

E' da Historia: para ter um alma superior, para deixar alguma cousa eterna, é preciso passar por todos os abysmos e por todos os infernos!

E as beatas ainda falam em inferno! Como se existisse inferno peor do que esse mundo, para as almas sensiveis!

Sei que tenho de soffrer ainda muito. Muito mais. Talves acabe por um modo tragico, espantoso. Mas uma fé me enche: minha dor não será inutil á Humanidade. Algum dia, dentro de 100 ou 200 annos, faz-me-ão justiça os decendentes dos que hoje me encarceram. Achará você que não estamos mais na epocha de sacrificios, de martyrios? Pois minha opinião é exactamente opposta. *Nunca o mundo precisou tanto de almas heroicas, de corações juvenis, de peitos aos furacões.*

Meu caminho está traçado; tenho de cumpril-o; irei até ao fim, luctando contra tudo e contra todos; é a minha divisa: serei vencido, mas tenho a certeza de que da minha derrota surgirão cousas extraordinarias. Oh! que pena os scepticos de hoje não viverem 200 annos!

Em dias de grandes tensão nervosa, vislumbrei a marcha da Humanidade. Ah, se todos tivessem a minha visão, quantos males seriam evitados!

Que transformações! Que Mundo Novo! Vislumbrei, e vou empunhar a Bandeira; nos primeiros tempos quasi ninguem me acompanhará; chamas-me-ão de louco, serei perseguido, mas o Futuro dirá quem avistava a Luz.

Sei que vou romper com o mundo; estou só. Mas o Christo tambem estava só.

Vão surgir os grandes dias da Galiléa (Jesus) e de Benarés (Budha).

Minha dor não tem cura; não ha livro, crença, consolação que sirva para ella.

Para que desapparecesse, era imprescindivel uma transformação total do mundo contemporaneo.

Soffro por inadaptação ás monstruosidades do presente. E, note-se ainda me devo considerar feliz: porque a dor seria mais tragica se eu tivesse nascido antes da Revolução Franceza, no tempo da Inquisição Catholica, na maldicta Idade Media ou na infeliz Idade Antiga.

Ahi está minha conclusão: apesar de tudo, ainda sou feliz.

Ah, quando ler as vidas de Leopardi; Spinoza, Giordano, Dante, Beethoven, Nietzsche e cem outros, ha de convir que a minha tragedia nada é deante da dos maiores genios da Humanidade!

Ainda sou feliz, meu amigo.

Sabe que da minha tortura têm brotado as paginas mais bellas da minha vida, poemas, aphorismos, pensamentos?

Abro o meu evangelho e leio:

A Dor faz os covardes arrotarem lamurias, e as grandes almas desabrolharem-se em cantos.

E' isto mesmo.

Adeus. Com saudade.

Védarayana

▽ ▽

Esta carta é um documento para avaliar-se o estado de uma alma rude e heroica.

Quem a comprehenderá? Quem lhe saberá tomar o pulso e avaliar a tensão interior? Quem sairá a campo para defende-la? Quem calculará que a palavra desse visionario é palavra para ser ouvida e não para ser perseguida?

Ninguem talvez...

Octavio Brandão

"Que se rompa y no se doble"

Trabalhadores!

Libertarios!

A hora presente, hora de transcendental importancia nos destinos humanos, instante no qual o caos economico e politico universal transtornou o cerebro do homem, que naufraga num «mare magnum» de idéas, de doutrinas e de factos estonteantes; que resvala pelo declive das contemporisações, das concessões, dos arranjos, das collaborações, exige elevação de vistas, pensamentos profundos, vontades ferreas, inquebrantaveis. Quem não se investir dessa armadura invulneravel, não poderá resistir á onda avassaladora, que ameaça a derrocada ideologica dos apostolos da liberdade.

Por sobre os destroços, as confusões da sociedade burgueza, acima das fascinantes realidades deve pairar incolume a rutilante idéa libertaria, a mais preclara doutrina inspirada na philosophia do anarchismo.

De que servem as enganosas perspectivas dos movimentos socialistas autoritarios se elles hão de ser realisados a custo de incoherencias, de quebra de principios por parte dos que professam ideaes mais perfeitos e mais dignificantes?

Nós podemos deixar de apoiar qualquer revolta que tenda ao esfacelo da sociedade burgueza, mas não podemos formar grupos; associações ou partidos que não sejam edificados sobre o pedestal dos nossos principios.

Nas nossas doutrinas encontramos processos para todas as realisações, isto é, para provocar a transformação social, para agir antes da revolução, na revolução e depois da revolução. Não precisamos emprestar de ninguem processos que, em ultima analyse, são inferiores aos nossos, e de effeitos antagonicos ás nossas aspirações libertarias.

Reflictam bem os camaradas que estão empolgados pelos successos dos discipulos de Marx, que veem estabelecendo novas republicas, novas burocracias, que são a antithese da liberdade.

A nossa obra é mais pura, mais justa, mais sublime.

Principalmente os companheiros que mais se têm evidenciado na propaganda, os que mais responsabilidades têm no movimento libertario devem ter uma noção clara dessa mesma responsabilidade para não se deixarem arrastar pelo caminho das concessões, das incoherencias, porque isso implicaria a propria desmoralisação e o descalabro no elemento militante.

Os Ferri, os Turati, os Labriola, os Briand prejudicam muito mais a causa do que aquelles que passam directamente a fazer parte das instituições policiaes.

Aquelles estabelecem confusões; arrastam comsigo numerosos sympathisantes, provocam o desanimo nas massas; estes vão sós, e levam atraz de si o desprezo unanime.

A preço algum se deve, pois, contemporisar, ou transigir nos nossos principios. Devemos fazer-nos respeitar pela intangibilidade das nossas convicções, inspirar confiança pela irreductibilidade, constancia e decisão nas idéas e nas luctas.

Antes e acima de tudo tenhamos o brio necessario para sustentarmos a superioridade do Ideal Anarchista.

Que se rompa y no se doble.

Florentino de Carvalho

Crimes do czarismo

O nosso camarada A. De Lasheras, que è um pintor de raro merecimento, offereceu-nos um bellissimo quadro a que chamou "Crimes do czarismo" e que representa um revolucionario russo executado em Baku por occasião de um levante libertario, em 1903.

Este precioso mimo do talentoso artista será rifado em beneficio da OBRA e os bilhetes serão vendidos a 1$000. A rifa correrá pela loteria federal de 25 de Outubro proximo.

Os dois extremos

Ha sempre dois extremos, entre os quaes é preciso escolher; e, as vezes, é difficil determinar qual é o que está no ponto de partida e qual é o que está no ponto de chegada. Em moral, por exemplo, temos que nos decidir pelo egoismo ou pelo altruismo absoluto; e em politica, pelo governo melhor organizado que se possa imaginar — um governo que dirija e proteja os menores actos da nossa vida — ou pela ausencia do governo. Ambas estas questões parecem ainda insoluveis. No entanto, entendemos que o altruismo absoluto é mais extremo e está mais perto do nosso fim do que o egoismo absoluto, assim como a Anarquia é mais extrema e está mais perto da perfeição da nossa especie do que o governo mais minuciosamente e mais irrepreensivelmente organizado, idealizado mesmo pelos ultimos limites do socialismo integral.

Entendemos que è assim porque o altruismo absoluto e a Anarquia são as formas extremas que requerem o homem mais perfeito. E os nossos olhares devem dirigir-se para esse lado, porque esperamos que a humanidade se decida por elle.

A experiencia affirma que se corre menos risco de errar olhando para a frente do que olhando para trás; olhando para o que está demasiadamente para cima, do que para aquillo que está demasiadamente em baixo. Tudo o que temos obtido até agora, tem sido annunciado e conseguido por aquelles que são accusados de olhar para muito alto. Por causa de duvidas, é, pois, mais racional nos decidirmos pelo extremo que supõe a humanidade mais perfeita, mais nobre e mais generosa. E' esta a resposta que se pode dar aos que perguntavam se era util conceder aos homens, apesar das suas imperfeições actuaes, uma liberdade tão completa como fosse possivel.

REFLEXOS

A capital deste nosso bello e grande Brasil esteve num alvoroço de pasmar... Recepções, festas, bailes; enscenou-se um jubilo berrante.

Foi a presença de um principe authentico da casa real italiana, que provocou a nota principesca, soberana...

Os jornaes recamaram phrases lindas embutidas de enthusiasmo, desse fingido enthusiasmo de enchimento; foram explosões exhibicionistas de um «real» orgulho desta "republicana„ gente, tendo cada phrase um significado de servilismo, de baixeza de caracter da republicana gente a incensar a "alteza„ monarchica.

▽ ▽

Pergunto-me por que é recebido esse principe tão «enthusiasticamente„, com tão espectaculoso fausto, com tanta farça de demonstrações de alegria e apreço exhibidas pelas personalidades ditas «altas» e «de destaque„ deste imperiosinho, e por toda a comparsaria governamental.

Seria esse principe um genio fulgente, seria um homem util á humanidade, seria um coração nobre grato ao povo, seria um soldado da sciencia, da arte, seria um militante do progresso humano, seguindo o irrefreavel impulso de ideaes elevados, para merecer tantos preitos?

Ideal, nobreza de coração, soldado do progresso humano, amigo da humanidade, é que não cabe num principe, «nobre» parasita, filho bastardo da sociedade burgueza.

Quanto ás demonstrações, ás bajulações da imprensa, ao acolhimento festivo, isso é coisa delles: entre parasitas " et caterva „, monarchicos, nobres, republicanos, democratas, entendem-se bem.

▽ ▽

Porém, não posso crêr que o povo se enthusiasme e descubra a testa em attitude de submissão e baixeza ante um principe, parasita e conservador da oppressão.

Se ha alguem que não comparticipa da farçada burgueza e que não tem tempo de se occupar de um principe, é justamente o povo.

▽ ▽

Penso com magua que ha muitos sêres miseros e soffredores, infelicitados por esta constituição social, condemnados a uma existencia de miseria, soffrimentos, humilhações e escravidão, que exclamam, num brado de incontido desespero e de lancinante magua:

— Desgraçada vida!...

Phrase essa que ouvi tambem de uma mãe que, para alimentar seus innocentes filhinhos, estendia a mão, á esmola, essa nojenta chaga propria da sociedade burgueza...

E bradam assim, com dôr, com raiva, n'uma explosão de revolta, mas com a persuasão de ser a vida mesmo assim, de ser assim o termo natural da existencia, mas não sabem rebuscar as causas do mal estar, não as sabem pesquizar na ordem de cousas em que vivem.

Bradam de dor e indignação, mas não sabem tambem afastar a nevoa cruel de mentiras e prejuizos immensos, creados para que se conformem com sua desgraça e sua miseria, para lhes occultar a verdade das cousas. Verdade que aponta e põe a descoberto cousas iniquas e negras.

E quando alguem desperta, quando alguem protesta, elevando sua voz de revolta e empunhando o facho da verdade, fazendo luz sobre as torpezas e condemnando crimes, é calumniado, maltratado, perseguido, proscripto.

Porém, acima de tanta canalhice, refulge a idéa e o pensamento paira grandioso e inalcançavel.

Olga Baratto

ESPECTROS SOCIAES

Instituiu-se ha dias, nesta capital, a Liga Social Academica, ou coisa semelhante, com o fim, dizem, de estudar a questão social no Brasil.

E' admiravel o interesse ultimamente provindo dos meios academicos, em torno de factos, para muitos burguezes, de méra acção policial.

Só agora despertou o sentimentalismo piégas da classe academica, depois que as ordens emanadas do alto vieram pôr em fóco uma situação ha muito eminentemente sensacional.

Contrariando, muito de industria, a opinião corrente dos altos poderes dictatoriaes, a tal liga vem proclamar em altas vozes a existencia de facto, entre nós, d'uma causa da mais relevante importancia.

Não fôra a memoria de factos ainda recentes nesta capital, e, certamente, os libertarios se inclinariam a acreditar na sinceridade dos empasteladores de jornaes liberaes...

Existe no interesse despertado algo semelhante á arregimentação ou organização de planos, para contrapôr ao golpe reivindicador dos opprimidos.

Essa medida projectada é velha nos annaes da historia, e consiste principalmente em captar a sympathia de elementos desavisados, para crear dentro da propria organização revolucionaria, o bloco previamente instruido, que, no momento opportuno, interceptará a acção decisiva dos legionarios da justiça.

Compete, portanto, aos orientadores das massas, o dever irretorquivel de prevenil-as contra toda e qualquer manobra que tenha em vista subdividir o grupo immensuravel dos revoltados.

Não é o amor á causa da humanidade o movel primordial dos fundadores do Centro de estudos sociaes, e, sim, o desejo manifesto de concatenar os dados necessarios a uma reacção intelligente, a principio rethorica, e mais tarde com os meios que as circumstancias exigirem.

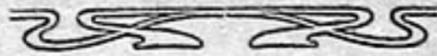
O plano é admiravelmente delineado, tendo germinado nos gabinetes palacianos, donde, ardilosamente provieram para os meios academicos.

Não é de hoje que as classes academicas nesta terra perderam toda a notoriedade como expoente na defesa dos direitos das gentes, quando, bem ao contrario, transformaram-se n'um instrumento odioso, odiosissimo, ás mãos inquisitoriaes da policia paulista.

Ninguem mais sente pela tradicional pleiade de outr'ora a menor emoção de sympathia.

Academicos paulistas, amigos dos estudos sociaes, vão prégar a outra freguezia — porque a vossa acçao cavilosa é por demais mesquinha e ignobil...

C. Denoy

Um sociologo de meia tigela
OU
Uma aroeira sem cerne

Agora que vae accesa por todo o mundo a guerra social, a lucta de morte entre o proletariado e a burguezia, dá gosto vêr-se como de toda a parte surgem sociologos de meia tigela a procurar, com sophismas e calinadas, desviar das verdadeiras idéas de sua emancipação a attenção do operariado brasileiro.

Num jornal de Minas, *A Gazeta de Paraopeba*, cujo redactor Manoel A. da Silva é um jornalista muito intelligente mas de uma extrema benevolencia para com os seus collaboradores, appareceu no seu n. de 22 de agosto uma moxinifada com a assignatura de um tal dos Aroeiros, «operario».

Pelo estylo se conhece o homem.

Pelo estylo arrevezado e pernostico e pelas ideas retrogradas e burguezissimas que emitte, o tal dos Aroeiros sahiu-nos um perfeito almofadinha, desses bem apertadinhos, de trazeiras redondas e bem á mostra.

Protestamos que um individuo assim queira vestir a blusa honrada do operario, com o fim de perverter os sentimentos dos trabalhadores.

Falando aos operarios da União Operaria de Curvello, associação ultimamente fundada naquella cidade mineira, o sr. dos Aroeiros sae-se com uma tirada destas:

> "Não vejam entretanto, as numerosas e invenciveis hostes, nas greves revolucionarias o meio suasorio do ideal porque se batem. Conseguil-o-ão pela fora moral, pela victoria mesma que synthetiza o trabalho, pela união, pela fé nas provadas vontades, pelo peso da unidade collectiva. Preconizarem-se as revoluções como elemento da conquista desejada triumphante, seria o contrapôrem-se, por exemplo, em se tratando de economia politica, os especiosos argumentos, a série interminavel de sophismas, que por si proprios se desfazem, ao peso do raciocinio de Bastiat, aos thesouros inexgottaveis de Le Bon.
>
> Desejamos se allie a nós outros em pensamento a resurgente União Operaria de Curvello. Se assim for, muito com ella tem o municipio a ganhar. E Curvello caminhará mais que nas jornadas d'antanho, porque são outros os horizontes do presente...»

Sim, sr. dos Aroeiros, são outros os horizontes do peesente e você póde, pois, ir prêgar noutra freguezia, para outra classe de ouvintes, as suas rançosas theorias sociologicas, feitas pelos patrões para uso dos operarios carneiros e inconscientes. A União Operaria de Curvello mandará você ás favas, se ella é realmente uma agremiação de trabalhadores conscios dos seus direitos e não uma arapuca de caçar eleitores, armada pelos sagazes politiqueiros, como são quasi todas as «ligas» e "uniões" operarias do Estado de Minas.

São outros os horizontes do presente. Os verdadeiros operarios que acompanham de perto o progredir das conquistas da sua classe, que reconhecem os seus direitos a um logar no banquete da vida e para isso luctam e se sacrificam, sabem perfeitamente que com a platonica «força moral» e outras provadas tolices saidas de cerebros de carneiros nada conseguirão dos seus exploradores. Não fosse a "força real" do braço armado do operario, que perturba a digestão e o somno do burguez, e os trabalhadores dos centros onde ha verdadeiras sociedades operarias não teriam hoje o dia de 8 horas e outras conquistas que têm feito, sempre pelos meios extra legaes, sempre com a revolução ou com a ameaça da revolução.

Os operarios de Curvello que acompanhem a ladainha do Aroeiros e vão vêr o que ganharão no fim das contas... Elle, o pretenso guia do rebanho, acabará cabo eleitoral, se por acaso já o não é, e o seu rebanho acabará por perder o pouco pêllo que os patrões lhes deixaram...

Lancem uma vista d'olhos sobre a situação verdadeiramente lamentavel em que se encontram as classes operarias do Estado de Minas, principalmente os operarios das industrias fabris. Trabalham 12 horas por dia, homens e mulheres, sujeitos ainda a um regimen talvez peor que o do tempo da escravidão, com feitores e chicote: ganham um ordenado miseravel e só têm um direito— trabalhar, trabalhar até estourar.

Veja o sr. Aroeiros se com a sua «força moral» consegue melhorar a condição desses operarios. Se não o conseguir, e se estiver, acaso, animado de bôas intenções, então aconselhe aos seus «irmãos» o emprego da «força real», das grèves revolucionarias, que adoptam e prégam os anarchistas, e verá, com surpresa, como os empedernidos corações dos industriaes mineiros, que ora esfolam os seus escravos, se tornam de repente suaves como cêra e elles reconhecerão que é devêras uma deshumanidade fazer trabalhar tanto, pagando-lhes tão mal, creaturas de carne e osso, tambem filhas de Deus... Pois é verdade. Uma carabina, ou mesmo um bom cacete, nas mãos de um operario revoltado contra a injustiça social, é melhor, mais concludente, para fazer brotar sentimentos christãos nos catholicos corações dos burguezes, do que quantas prédicas e ladainhas de padres e sacristas...

B.

UM PROBLEMA SECULAR

A VERDADE DEVE SER VISTA POR UM OCULO?

Todos os homens variam de maneira fatal nas suas paixões; uns são avarentos, e contemplam com olhos brilhantes de lagrimas geradas pela impressão nervosa da côr dourada sobre a glandula lacrimal o seu cofre e o abrem, e o admiram embevecidamente; outros amam as mulheres, desperdiçam a saude, morrem cedo, cáem no esquecimento; outros amam a verdade, soffrem por ella, discutem, ponderam e ajuizam e têm em paga o fructo amargo que provado renegou Adão do paraiso: a felicidade é um fructo prohibido.

Um homem ia passando pela estrada: o seu olhar vagando pela distancia viu muita gente reunida; o homem, que tinha uma esmeralda no dedo, approximou-se, e elle viu um moço com o braço esmagado; o moço estava desacordado, e o medico fugiu occultando a mão no bolso para que não vissem a sua posição; e quem lesse o pensamento do medico saberia que era esta a sua maneira de sentir: — eu estudei afim de saber de que altura é cada desgraça, para que possa salvar na vida o soffrimento; esquecer, consiste na virtude mais alta que se tem; a vida não é essa illusão que parece ser para quem olhou a terra sòmente pela expressão do riso; a sciencia creou-se para que se informasse a ignorancia da extensão da sua desgraça!

Todos os homens variam de maneira positiva nas suas paixões: uns, querem até esquecer os enganos que fizeram; mas, na vida o soffrimento psychologico, um mal que não tem materia, que é imponderavel, que se superlevanta á funcção do cerebro, não tem lenitivo outro que não seja o tempo. O homem estuda até certo dia, após elle arremette com as idéas alheias por uma conveniencia apenas da educação, e, sem que seja homem e nem transcendental, elle se apercebe de que o mundo é um abysmo estranho para quem a razão é a esperança eterna.

O dia era quente; um homem desgrenhado saiu á entrada da sua caverna. O homem feio, o homem fera não tinha outro espelho senão a repulsa da sua mulher, afim de que elle tivesse um pouco de consciencia... A consciencia não é, apenas, o estado proprio; vem dos outros. A dor é, ainda mais de que tudo que ella venha a ser, uma esperança, que surge da vida e perde-se no intangivel, que seria uma expressão da morte.

Eu abri, desenganado, a entrada da caverna, que escavei nas minhas illusões. Vi que fora della tudo sorria em borbotão de alegria. Olhei para mim, subjectivei-me e me julguei mais desta vez o castigado!

Ao longe iam-se approximando, um do outro, dois homens; a campina verde parecia a imagem da esperança. Um homem era Caim; o outro era Abel. Caim arremetteu pelas costas de Abel e o matou, logo após fugiu pela campina e se metteu pelo matto dentro: e assim pareceu que sobre a terra o sentimento é immortal pela sua natureza!

Augusto de Alcantara Marinho

TORQUEMADA

Da negra inquisição
As sinistras fogueiras ateaste!
E em nome da "santa,, religião,
De Deus em nome, ás chamas atiraste
De victimas milhares!... Monstro horrendo!
Teu nome, truculento inquisidor,
Esse nome, "que as victimas tremendo
Ouviam com horror",
Foi para a espavorida humanidade
A mais lugubre e atroz calamidade!
Tua exicial passagem pela terra
Foi peor do que a peste e do que a guerra!...
Emfim jazes aqui,
Sob o peso de eterna execração!
Maldição sobre ti!
Maldição! Maldição!

Avante!

Apesar de toda a reacção, apesar de todas as iniquidades, apesar de todas as infamias e miserias, a idéa marcha entre as baterias derrotistas da burguezia, vencendo sempre, creando adeptos e impondo-se ao conceito universal dos homens...

Por mais violenta que seja a pratica delictuosa dos potentados, não consegue abalar a idéa radicada no amago dos luctadores stoicos, em pról das igualdades de direitos e emancipação completa dos povos do jugo nefando do capitalismo...

A cada violencia surge um protesto ecoando formidavelmente através do mundo, e fazendo reviver mais ainda a esperança alimentada pelos espiritos fortes, na transmutação cabal destes miserrimos acontecimentos, destes estados de cousa intoleraveis e sem qualificativo...

Marchando para o ideal, faminto e rôto, o povo ainda sente tocar-lhe a alma puritana os brados intimos de revolta contra a olygarchia secular que o opprime...

Nada o faz mudar de opinião, nem a chibata aviltante dos degenerados, nem os calabouços frigidos e immundos dos presidios policiaes, nem a deportação secundada por mil torturas...

Entoando hymnos, embora entre florestas de baionetas, sem attentar ás ameaças dos fascinoras, vae a legião sublimada dos martyres a caminho da terra promettida, á busca e á conquista da liberdade...

Avante!... raça bemdita... avante! legionarios do bem... avante sempre!...

Alexandre Montenegro

O ULTIMO GOLPE

Nos "trabalhadores do mar„ extraordinario romance do genial Hugo, em que descreve a vida de penosas labutas dos trabalhadores do mar em "Guernisey„ ilha em que se achava então exilado o solitario genio, ha uma scena que empolga inteiramente, uma scena, verdadeiramente emocionante, arrebatadora.

O genio, nessa occasião, soffria naquelle degredo, o isolamento do pensamento e, por isso, se identificára com a vida dos simples e bons trabalhadores. Sentia com elles e vivia de sua vida, com sua vida, e por sua vida. Amava-os e era amado por elles!

A luta, que nos descreve, é titanica, cyclopica, dessas em que o eterno promettem se acha preso a lutar por sua liberdade. E' um symbolo; uma lição de animar, encorajar os que soffrem e lutam para se libertar de oppressões. E' a luta de um trabalhador com um enorme polvo a "pieuvre„ no fundo do mar. O enorme polvo o pisgàra com um dos tentaculos; dahi a pouco mais um o segurava numa das pernas; depois mais outro o enlaçava pela cintura quasi a dominal-o todo. No principio, o trabalhador, desorientado, extatico ante o ataque inesperado, não puvéra o perigo que corria. Ao depois, vem-lhe nitidamente a situação em que teria de succumbir fatalmente si não houvesse de enfrentar o monstro e defender-se. Põe-se de guarda a fugir-lhe, para que não o tolhesse inteiramente. Fica-lhe, com a estrategia, livre um dos braços e, de repente, lembra-se de que está munido duma afiada faca na cintura. Momento decisivo da luta, terrivel, sobrehumano, sublime!

No instante, em que o monstro, certo de já estar tolhida, segura sua presa, vai-se approximando, cada vez mais, para abatel-a divulga o trabalhador, no centro da cabeça teratologica, um enorme olho só a fital-o. Não desanima porem. Numa distensão nervosa de todas suas energias physicas, recùa um pouco,o que poude, e, com o braço livre, que lhe resta, sacca da faca e crava-a bem em cheio, profunda, atè o cabo, no unico olho do monstro! Anniquila-o. Afrouxados alguns dos tentaculos, que o apertavam cada vez mais, o trabalhador pôde, num esforço supremo, titanico, desvencilhar-se totalmente, matando-o inteiramente. E libra-se victorioso à tona.

E' assim, actualmente, a luta do "trabalhador da terra„ para livrar-se da enormissima pieuvre sugadora — o capitalismo —.

A luta está no seu momento decisivo. Está no apogeu o esforço titanico do proletariado mundial livrar-se, por completo, de todos os tentaculos do monstro 'Capitalismo, que lhe detem, querendo asphissial-o, o movimento, a liberdade!

Mas ha de vencel-o como aconteceu do "trabalhador do mar".

Essa luta do "trabalhador do mar" de Hugo é um symbolo para o proletariado mundial. A luta começou, do Oriente ao Occidente, e por ora só falta o ultimo golpe a desfecharse certeiro sobre o olho enorme do monstro. Mais um esforço e elle baqueará para sempre.

Rio, 25-8-920

Prof. C. C.

Grande Festival

Artistico e literario

Em beneficio da "A OBRA"

Realisar-se-á no dia 11 de Setembro no salão **Celso Garcia**

Sob os auspicios do Grupo Dramatico "Os Modestos" está sendo organisado um grande festival dedicado à revista "A Obra" o qual obedecerá ao seguinte

programma

1. Hymno a "Internacional" pela orchestra
2. Representação do episodio poetico em um acto, de Bento Mantica

Novo Altar

3. Conferencia social por Florentino de Carvalho, sob o thema:

Os valores das doutrinas de Christo, Comte, Marx, Lenine e Kropotkine

4. Diversos numeros de cantos e recitativos.
5. Subirá à scena o emocionante drama em um acto

O Vagabundo

da lavra do notavel escriptor portuguez *Manoel Larangeiras*

6. Variedades.

Dado o empenho em que os promotores desta velada artistica e cultural, puzeram para dar-lhe o maior brilho e realce, é de esperar um completo exito, para o qual esperamos o concurso de todos os que se interessam pela educação idealista e libertaria do povo.

A verdadeira ordem

Hoje a sciencia astronomica estuda, como as demais sciencias, o infinitamente pequeno, essa materia imperceptivel que enche os espaços, infima, microscopica, tomada separadamente, poderosissima pelo numero dos infinitamente pequenos que a compõe, e a elle pede a explicação da origem do systema cosmico e da harmonia do conjuncto.

A ordem no systhema do Universo, a sciencia procura pois explical-a pelos movimentos dos infinitamente pequenos, movimentos innumeros que se junctam; se completam, equilibrando uns aos outros.

A concepção do Universo transformase; não ha mais um astro central que a principio se julgava ser a Terra e mais tarde o Sol; não ha mais um centro de força e de attracção. A força e a attracção não são sinão productos dos movimentos solidarios dos infinitamente pequenos, dessa materia imperceptivel que só os microscopios nos fazem vêr.

Passando da astronomia para a physiologia, vemos a explicação das funcções vitaes pelo mesmo processo; no organismo humano o physiologo vê cellulas independentes que se associam para luctar contra as condições desfavoraveis á sua existencia; o physiologo vê as cellulas autonomas do sangue, dos tecidos, dos centros nervosos. Vai além, o physiologo, e em cada cellula microscopica elle descobre um mundo de elementos autonomos, vivendo cada um de uma vida propria.

Da harmonia dos movimentos e do bem estar destas cellulas, depende a vida.

A physica, abandona as entidades, calor, magnetismo, electricidade, e se esforça por reconhecer num corpo aquecido ou electrisado, e no espaço que o cerca, as vibrações dos atomos infinitamente pequenos que se dirigem em todos os sentidos, vibram, movem-se, vivem, e que pelas suas vibrações, choques e vida, produzem os phenomenos de calor, luz, magnetismo e electricidade.

No dominio da physica como no mundo cosmico; na physiologia, na botanica, na chimica, acredita-se hoje que a harmonia dos conjunctos, é producto dos movimentos diversos dos infinitamente pequenos solidarios.

Assim, como a idéa de um astro central foi abandonada, e explica-se os phenomenos do mundo cosmico pelos movimentos dos infinitamente pequenos, o homem abandonou o prejuizo de uma força superior na sociedade — a auctoridade.

Si a ordem no mundo cosmico existe independente de um astro central; si a ordem na vida animal existe independente de um orgão central, si emfim, a ordem existe em tudo como producto da solidariedade de cellulas e atomos, porque na sociedade a ordem não poderá existir sem auctoridade?

A ordem no Universo não é producto de uma hierarchia, como cabalmente demonstra-o a physica, a chimica, a astronomia, a biologia; a ordem é o producto de movimentos solidarios.

Ora, nas sociedades a ordem só poderá existir si a solidariedade humana se estabelecer, isto é, quando havendo ampla liberdade e egualdade, ella se produzir pela harmonia dos movimentos solidarios dos homens, no interesse da especie humana.

Assim como não existe um astro central dirigindo o mundo cosmico, não deve existir uma auctoridade dirigindo o mundo social. As hierarchias, no mundo social produzem choques e atrictos e estes produzem fatalmente a perda de forças, e consequentemente, a desordem.

Nao somos, portanto, nós, que temos uma idéa falsa da ordem, mas os que a julgam como o producto de uma hierarchia; os que julgam ser necessaria, ao lado da riqueza de uns, a miseria dos outros, ao lado da illustração de uns, a ignorancia da grande maioria.

Creio ter demonstrado, com os exemplos que emprestei á astronomia, á physica e a physiologia, que a ordem, longe de ser producto de uma hierarchia, o é da solidariedade dos movimentos dos infinitamente pequenos: Pois bem! em sociologia nós somos esses infinitamente pequenos. Da solidariedade dos nossos movimentos, em maior proveito da especie, é que resultará a ordem social, a ordem pela anarchia, isto é, a ordem pela solidariedade das cellulas sociaes, que em movimentos diversos, simultaneos, apparentemente desordenados, produzirão a harmonia do conjuncto — a verdadeira ordem, a unica possivel nas sociedades humanas — a ordem pela ausencia da auctoridade e pela lberdade dos movimentos conscientes de todos, como a ordem cosmica se produz independente de um astro central.

X.

Typ. «Pasquino».